



O GRUPO DE ESTUDOS DE CULTURA E LITERATURA INDÍGENA/AFRO-BRASILEIRA NO PET FRONTEIRAS

CARLOS FELIPE MACEDO DA SILVA¹; EDGAR SIQUEIRA DO NASCIMENTO²;
DENISE MARCOS BUSSOLETT³

¹Universidade Federal de Pelotas – carlosfelipefms@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – edgar.nascimento@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – denisebussoeltti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da perspectiva de um jovem amazônica e integrante do Programa de Educação Tutorial (PET) Fronteiras: Saberes e Práticas Populares da Universidade Federal de Pelotas UFPEL. As discussões sobre o ensino da literatura no Brasil enfrentam desafios relacionados à complexidade da obra literária e sua conexão com o ensino e a cultura. A viabilidade do ensino literário gera tensões entre educadores, pois a literatura transcende o didatismo, aproximando-se de uma experiência estética. Além das abordagens tradicionais, há uma corrente que defende a vivência da literatura por meio da leitura, valorizando suas reflexões profundas.

As Leis 10.639/03 e 11.645/08 representam um marco na educação brasileira ao exigir a inclusão do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena. Essas medidas buscam promover uma educação plural que valorize as culturas marginalizadas. Para que isso ocorra, os educadores precisam estar preparados para lidar com essas complexidades.

Este trabalho pesquisa e descreve sobre o Grupo de Estudo Cultura e Literatura Indígena e Afro-Brasileira – Ensino/Pesquisa na formação de professores e estudantes, explorando como esses grupos promovem práticas pedagógicas que favorecem a pluralidade cultural e a equidade racial. O grupo nasce como uma resposta à necessidade de uma educação descolonizadora, rompendo com a hegemonia eurocêntrica e valorizando as epistemologias afro-brasileiras e indígenas.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, centrada na análise crítica e na pesquisa bibliográfica de autores como COSSON (2012) e GOMES (2017), que exploram a inserção de literaturas afro-brasileira e indígena no contexto escolar. Essa metodologia busca compreender como essas obras podem ser integradas à formação de professores e estudantes, ampliando o repertório educacional.

O projeto do grupo de estudo segue uma abordagem dialógica, fundamentada nos princípios da educação freiriana (FREIRE, 1987), que valoriza o diálogo e a troca de saberes entre os participantes. As atividades envolvem leituras, rodas de conversa e discussões sobre obras literárias, proporcionando uma reflexão coletiva e crítica sobre a importância dessas literaturas para a promoção da equidade racial e cultural.

A análise descritiva, conforme definida por GIL (2010), foi utilizada para compreender as dinâmicas do grupo e a relação entre as práticas pedagógicas adotadas e seus impactos no ambiente escolar. A pesquisa também explora como a metodologia dialógica contribui para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas e conscientes das diversidades culturais.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A criação de grupos de estudo que se dedicam ao ensino de literaturas indígenas e afro-brasileiras não se limita apenas à disseminação de conhecimentos; ela representa um movimento mais amplo de resistência e valorização cultural, em consonância com as epistemologias amazônicas e de outros territórios historicamente marginalizados no Brasil.

Espera-se que impacto gerado por essas iniciativas, podem ser compreendidas a partir da literatura amazônica, que traz consigo um arcabouço cultural ancestral profundamente conectado à terra, às práticas comunitárias e ao respeito pela diversidade ecológica e humana. Autores como Davi Kopenawa, em sua obra *A Queda do Céu* (2010), e Márcio Souza, com *Mad Maria* (1980), nos ensinam que a literatura não é apenas uma ferramenta para entretenimento ou erudição, mas uma forma de resistência contra a opressão e o apagamento cultural. A partir dessas referências, comprehende-se que o grupo de estudo não apenas abre caminho para novas leituras de mundo, mas também posiciona a educação como um ato político de resistência e transformação.

Ao trabalhar com as literaturas afro-brasileira e indígena, conecta-se essas tradições de resistência cultural, sendo incentivados a enxergar a educação como uma prática libertadora, conforme descrito por Freire (1987). Professores em formação relatam que, ao adotar em sala de aula práticas que valorizam as culturas indígenas e afro-brasileiras, perceberam um impacto significativo nos alunos, especialmente aqueles que pertencem a esses grupos étnicos, que se sentem finalmente representados no conteúdo escolar. O reconhecimento dessas identidades, como apontado por SANTOS (2018), abre espaço para um ensino mais inclusivo e descolonizado, fortalecendo a autoestima e a identidade dos estudantes.

Espera-se que as experiências no grupo de estudo não apenas ampliem o repertório literário dos participantes, mas também provoque reflexões profundas sobre o próprio conceito de literatura, deslocando a visão eurocêntrica para uma perspectiva que valoriza as oralidades e as cosmologias ancestrais. Na literatura indígena, por exemplo, a palavra escrita é apenas uma das muitas formas de conhecimento, conforme apontado por Daniel Munduruku (2006), que destaca a importância da transmissão oral e dos rituais como forma de manter viva a cultura. Ao trazer essas perspectivas para o ambiente acadêmico, o grupo de estudo se posiciona como um espaço de epistemologias insurgentes, conforme descrito por SOUSA SANTOS (2019), promovendo um rompimento com a colonialidade do saber que ainda domina o campo educacional brasileiro.

Além disso, os impactos se tornam visíveis no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, que vão além do mero estudo teórico e adentram o campo da experiência vivencial. A realização de rodas de conversa e debates sobre obras literárias de autores como Conceição Evaristo e Eliane Potiguara possibilita uma imersão nas narrativas que trazem à tona as histórias de luta, dor e resistência dos povos afro-brasileiros e indígenas. Essas rodas de

conversa, muitas vezes realizadas em espaços comunitários e com a participação de pessoas da comunidade, criam uma ponte entre a academia e a vivência prática desses saberes, fortalecendo a conexão entre teoria e prática, entre sala de aula e realidade social.

Espera-se que o impacto transformador não se limite apenas ao ambiente escolar. Com a adoção de metodologias mais participativas e dialógicas, inspiradas nas tradições pedagógicas indígenas e afro-brasileiras, como a Pedagogia Griô, que valoriza a transmissão de saberes pela oralidade e pela convivência intergeracional. Esses métodos geram impactos duradouros na forma como os estudantes percebem o conhecimento, promovendo uma educação mais significativa e conectada com suas próprias realidades culturais e identitárias.

Ao introduzir autores e obras que abordam as lutas dos povos indígenas e afrodescendentes, o grupo de estudo pretende estimular os estudantes a se reconhecerem como agentes transformadores de suas próprias histórias. Isso ressoa com o pensamento de NEGO BISPO (2021), que enfatiza a importância do "re-existir", ou seja, resistir existindo e afirmado suas identidades e saberes diante das estruturas de poder que historicamente os subalternizaram. O impacto dessa perspectiva é notório no ambiente escolar, onde as narrativas de resistência encontradas nas literaturas afro-brasileira e indígena funcionam como catalisadoras de uma educação que luta contra o racismo estrutural e valoriza a diversidade cultural.

Em suma, o impacto gerado pelas atividades do grupo não será apenas acadêmico, mas também social e político. A descolonização do currículo escolar, ao integrar as literaturas afro-brasileira e indígena, abre caminho para uma educação mais equitativa e democrática, onde a pluralidade de vozes e narrativas é reconhecida e valorizada. Ao desafiar a hegemonia eurocêntrica e introduzir novos protagonismos no cenário educacional, o grupo de estudo desempenhará um papel crucial na transformação social, promovendo uma educação que não apenas ensina, mas também emancipa e dignifica os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

4. CONSIDERAÇÕES

A partir da análise das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Estudo Cultura e Literatura Indígena e Afro-Brasileira – Ensino/Pesquisa, conclui-se que a formação de espaços dedicados ao estudo dessas literaturas é essencial para a construção de práticas pedagógicas que promovam a equidade racial e a pluralidade cultural no ambiente escolar. O grupo não apenas supre lacunas presentes no currículo tradicional, mas também proporciona uma formação crítica e consciente tanto para professores quanto para estudantes.

Ao integrar a literatura afro-brasileira e indígena no ensino, o grupo de estudo fomenta a valorização de saberes historicamente marginalizados, contribuindo para a descolonização do pensamento educacional e para o reconhecimento das identidades étnico-raciais no Brasil. Assim, a literatura, além de seu papel educativo, assume uma função política, ao resistir ao apagamento e à exclusão histórica dessas culturas.

Esses esforços contribuem para a construção de uma educação mais justa e inclusiva, que valoriza a diversidade cultural e promove a transformação social. A continuidade e a expansão de iniciativas como o Grupo de Estudo Cultura e



Literatura Indígena e Afro-Brasileira são, portanto, essenciais para o avanço de uma educação que reconheça e celebre a riqueza cultural do Brasil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISPO, N. **Colonialidade, Re-existência e as Epistemologias do Sul**. São Paulo: N-1 Edições, 2021.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012..
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- Gomes, N. L. (2017). **Educação, identidade negra e a lei 10.639**. São Paulo: Cortez.
- GOMES, N. L. **Educação, identidade negra e formação de professores: entre saberes e práticas pedagógicas**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MUNDURUKU, D. **O caráter educativo do movimento indígena no Brasil: uma breve reflexão**. São Paulo: Global, 2006.
- Santos, B. de S. COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SANTOS, M. **A educação como prática de liberdade na construção do pensamento decolonial**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- SOUSA, M. **Mad Maria**. São Paulo: Record, 1980.